

CHICHOCOCHA

Reinstalar população depois das armas silenciadas

Por Fernando Lima

Exclusivo da AIM para a «Tempo»

Fotos de Kok Nam

Em meados de Junho deste ano, numa operação combinada envolvendo efectivos militares de Gaza e Inhambane, foi destruída a base de Chichococha, a pouco mais de 60 quilómetros a noroeste de Panda. O esforço actual vem-se centrando na reinstalação e apoio da população local, estimada em cerca de 500 pessoas.

Dois pares de olhos desmesuradamente grandes fitam o infinito, insensíveis ao movimento e às moscas volteando nervosamente.

Uma mulher gasta precocemente sustenta nos braços descarnados uma criança semi-inanimada de tez baça e cabelos anormalmente lisos. Uma trouxa de haveres modestos e uma

Chichococha: depois das armas...





...o difícil recomeço

vasilha com água amarelada completam o cenário próximo.

A Etiópia televisionada entra-nos agressiva através das câmaras e objectivas em latitude austral, com floresta abundante mas avara às exigências do homem.

Estamos no sul da Província de Inhambane, a pouco mais de 60 km a noroeste de Panda — Chichococha é o nome da área que tem como referência uma lagoa com o mesmo nome.

Meio milhar de pessoas, com mais precisão, 552, confinadas em casebres apressados, digerem lentamente o pesadelo de fome recente com o auxílio humanitário transportado através de caminhos que a necessidade inventou.

Em volta, mais para norte, para o interior, o som da violência continua a disputar espaço nocturno aos ruídos concertados que a floresta imana.

ACAMPAMENTO CAPTURADO

Chichococha é mais um ponto de referência na ofensiva militar conti-

nuada contra o banditismo armado no sul de Moçambique.

A 23 de Junho deste ano, uma operação combinada envolvendo efectivos militares de Gaza e Inhambane destruiu e ocupou esta base inimiga, cujo raio de acção se estendia até à Província do Maputo.

O assalto por tropas de infantaria foi precedido por bombardeamentos feitos por helicópteros da força aérea e artilharia pesada.

«Como resultado dos bombardeamentos pensamos que terão morrido cerca de 100 bandidos» — a afirmação é do capitão Jonas Mucavele, um veterano na Frelimo que comanda agora as forças estacionadas em Chichococha.

Elementos obtidos pelo reconhecimento e através de interrogatórios a prisioneiros, indicam que o refúgio contava habitualmente com uma presença de 500 homens. Depois do assalto, foram contadas 410 cabanas numa área com 6 km de diâmetro.

Não se sabe com precisão a altura em que o acampamento terá sido estabelecido, mas há testemunhos da população que ali vivia compulsivamente desde 1983. Afonso Zacarias



Mbanguine, de 55 anos, recorda que no passado «ouvi aviões aqui perto».

CONDIÇÕES TRAUMATIZANTES

Mbanguine é um camponês da região e esteve em vários acampamentos dos bandidos. A sua tarefa habitual era obter «chema», um suco do-



Chagas ainda abertas, de um passado recente — o capitão Jonas Mucavele mostrando ossadas das vítimas dos bandidos

Os «madjibas» são a face mais violenta da logística do banditismo. Raptados entre a população camponesa, eles funcionam como elementos de reconhecimento, extorsão e roubo nos locais onde actuam. António Vasco Macamo, de 31 anos de idade, «madjiba» capturado. Ele diz que na «base os chefes falavam ndau», língua utilizada na Província de Manica.

Nhandire, era o nome do chefe ndau em Chichococha amantizado com a filha de Matacuene, o feiticeiro local. Nhandire e Matacuene encontraram-se a monte, alvo das operações de perseguição e limpeza que continuam.

APOIO À REINSTALAÇÃO

Em Chichococha ficou a população — 552 pessoas actualmente — com tendência a aumentar à medida que dispersa no mato vai vencendo a relutância de traumatismos profundos, de padecimentos de fome e da violentação da guerra.

Um grupo de jovens socorristas da Cruz Vermelha faz ali trabalho desde o dia 28 de Junho. Foi feita primeiro a inventariação das carências sanitárias e alimentares. Depois, através dos sulcos rasgados na floresta pelas lagartas dos «T-54» chegaram

Em baixo: Enquanto se procuram alternativas definitivas, a assistência alimentar diária continua

ce extraído a partir de palmeiras silvestres, que funciona como alimentação de recurso ou fermentado, como bebida alcoólica.

O solo arenoso e a escassez de água tornam a vida praticamente impossível na região. A partir do rio Chanzane, que marca a fronteira com a Província de Gaza, e para quem faz a progressão a partir do sul, não há estradas, o mato é denso, as planícies pantanosas e por vezes salgadas.

A população raptada é tradicionalmente quem abastece os bandoleiros, como é o caso de Maria Daniel Siteo e Celeste Mondlane. Já depois do acampamento ter sido ocupado pelas Forças Populares elas regressavam de uma viagem a Inharrime onde foram procurar farinha «para abastecimento na base». Maria Siteo, raptada em Chicualacuala quando se encontrava grávida, foi forçada a deixar a sua criança no acampamento.





«Na mobilização e organização do povo está o segredo desta guerra»

cobertores, roupa, sapatilhas, peixe seco, farinha e feijão.

A assistência alimentar continua, diária, enquanto se procuram alternativas para que em definitivo se assegure de novo a sedentarização da população.

Em Gaza a estratégia tem assentado sobretudo na fixação das populações em aldeias comunais — famílias organizadas, apoio alimentar e em vestuário, fornecimento de sementes e meios de produção.

Segundo a explicação fornecida pelo Coronel-General Fernando Matavele, o comandante militar da província, tem sido feito um grande esforço para armar a população.

OFENSIVA MILITAR

«Na mobilização e organização do povo está o segredo desta guerra», diz-nos à guisa de corolário de um trabalho, que tem visado sobretudo assegurar a impermeabilização das comunidades rurais à actuação inimiga.

Confiante, Matavele afirma que é hoje possível viajar-se na grande maioria das estradas de Gaza. «A população assegura a sua própria de-



Parte do material capturado em Chichococha

fesa enquanto os soldados continuam na floresta a dar caça ao bandido».

Em «briefing» sobre a situação de segurança em Gaza, Fernando Matavele diz que há actualmente problemas na zona de Massingir, onde se registaram infiltrações recentes pro-

venientes do sul — Mapulanguene — onde as fronteiras de Moçambique e da África do Sul se encontram.

«Mas havemos de lá chegar», garante o general veterano da luta armada.